

Experiências de atendimento virtual a mulheres em situação de violência: tecendo análises teóricas reflexivas

Experiences of virtual care for women in situations of violence: weaving reflective theoretical analysis

Experiencias de atención virtual a mujeres en situación de violencia: tejiendo análisis teóricos reflexivos

Rubia Geovana Smaniotto Gehlen¹

Como citar: Gehlen RGS. Experiências de atendimento virtual a mulheres em situação de violência:
tecendo análises teóricas reflexivas. 2024; 13(2): 477-88. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v13.n2.p477a488>

REVISA

1. Universidade Federal de Santa Maria.
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-0930-2796>

Recebido: 23/01/2023
Aprovado: 12/03/2023

RESUMO

Objetivo: Descrever as experiências de atendimento virtual à mulheres em situação de violência no âmbito de um projeto social. **Método:** Relato de experiência de abordagem qualitativa/descritiva acerca do modelo de atendimento virtual realizado à mulheres em situação de violência, como enfermeira voluntária. A experiência de atendimento foi analisada sob o referencial teórico da Rota Crítica e do Ciclo da Violência, tecendo-se análises teóricas reflexivas. **Resultados:** As experiências de atendimento viabilizaram a compreensão da implicância e entrecruzamento do Ciclo da Violência sobre/com a Rota Crítica, bem como sua indissociabilidade. Os fatores impulsionadores e inibidores para dar início e persistir na Rota Crítica entrecruzam-se com as fases do ciclo da violência em que esta mulher se encontra. **Conclusão:** Os atendimentos conduzimos de forma anônima, sem a necessidade da exposição física das mulheres à inquéritos, tem se mostrado uma via qualificada e extremamente necessária, que precisa ser considerada dentro da Rota Crítica e modelos de atenção vigentes. A fragilidade desse modelo residiu na dificuldade de realizar a Notificação compulsória de violência, o que requer estudos de como contornar essa barreira. As ações relatadas de enfrentamento à violência contribuem com respostas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Descritores: Violência contra a mulher; Prática profissional; Saúde da Mulher; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To describe the experiences of virtual care for women in situations of violence within the scope of a social project. **Method:** An experience report with a qualitative/descriptive approach about the virtual care model provided to women in situations of violence, as a volunteer nurse. The care experience was analyzed under the theoretical framework of the Critical Route and the Cycle of Violence, and theoretical reflections were made. **Results:** The experiences of care made it possible to understand the implication and intertwining of the Cycle of Violence on/with the Critical Route, as well as their inseparability. The driving and inhibiting factors for starting and persisting on the Critical Path intersect with the phases of the cycle of violence in which this woman finds herself. **Conclusion:** Anonymous care, without the need to physically expose women to investigation, has proved to be a qualified and extremely necessary way of dealing with violence, which needs to be considered within the Critical Path and current models of care. The weakness of this model lies in the difficulty of carrying out compulsory notification of violence, which requires studies on how to overcome this barrier. The actions reported on tackling violence contribute to the Sustainable Development Goals.

Descriptors: Violence against women; Professional practice; Women's health; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Describir las experiencias de atención virtual a mujeres en situación de violencia en el contexto de un proyecto social. **Método:** Relato cualitativo/descriptivo de la experiencia en el modelo de atención virtual a mujeres en situación de violencia como enfermera voluntaria. Se analizó la experiencia de atención bajo el marco teórico de la Ruta Crítica y el Ciclo de la Violencia, y se realizaron reflexiones teóricas. **Resultados:** Las experiencias de atención permitieron comprender la implicación y entrelazamiento del Ciclo de Violencia en/con la Ruta Crítica, así como su inseparabilidad. Los factores impulsores e inhibidores para iniciar y persistir en la Ruta Crítica se entrecruzan con las fases del Ciclo de Violencia en las que se encuentra esta mujer. **Conclusión:** La atención anónima, sin necesidad de que la mujer esté físicamente expuesta a las investigaciones, ha demostrado ser una vía cualificada y extremadamente necesaria, que debe considerarse dentro del Camino Crítico y de los modelos actuales de atención. La debilidad de este modelo radica en la dificultad de llevar a cabo la denuncia obligatoria de la violencia, lo que requiere estudios sobre cómo superar esta barrera. Las acciones informadas sobre la lucha contra la violencia contribuyen a dar respuesta a los Objetivos de Desarrollo Sostenible.

Descritores: Violencia contra la mujer; Práctica profesional; Salud de la mujer; Enfermería

Introdução

O atendimento às mulheres em situação de violência, por meio de aplicativos e redes sociais, mostrou-se crescente e de fundamental importância¹ desde o início da pandemia desencadeada pela transmissão do novo coronavírus, descoberto na China/Ásia e agente da Doença pelo Coronavírus em 2019 (COVID-19), que causa a Síndrome Respiratória Aguda Grave². E se consolidou como uma importante forma de acesso (ou Rota Crítica) das mulheres aos serviços da Rede de Atenção à mulher, e que é utilizada amplamente até os dias atuais.

A partir do surgimento e intensificação da pandemia da Covid-19 em todo o mundo e, especificamente no Brasil, adotaram-se medidas globais de isolamento social com o objetivo de minimizar a contaminação da população pelo novo vírus. Embora tais medidas tenham sido extremamente importantes e necessárias no contexto pandêmico, a situação de isolamento domiciliar teve consequências perversas para as mulheres em situação de violência, na medida em que se viram obrigadas a permanecerem em casa com seus agressores, além de encontrarem muitas barreiras no acesso às redes de proteção às mulheres e aos canais de denúncia³.

É nesta seara que, além das redes formais de proteção à mulher em situação de violência, as redes informais edificaram-se como um importante suporte para essas mulheres. Destaca-se que as redes informais podem ser compostas pelas redes sociais, redes de apoio baseadas em relações de parentesco ou amizade, vínculo pessoal, intimidade e/ou socialização, além de programas e projetos sociais de instituições não governamentais e iniciativas privadas⁴⁻⁵.

Nesse sentido, a partir da pandemia do Covid-19, novos mecanismos de apoio às mulheres usando a tecnologia foram surgindo, e outros já existentes cresceram e se solidificaram ainda mais durante esse período. O que contribuiu para fortalecer a rede informal de apoio e proteção à mulher em situação de violência, bem como a integração desta com a Rede formal de Proteção à mulher, mostrando caminhos viáveis e possíveis. Na rede informal, projetos e iniciativas sociais independentes foram desenvolvidos por coletivos e empresas para contribuir para a denúncia de situações de violência e acolhimento das vítimas, tais como aplicativos, cartilhas e inteligências artificiais, bem como campanhas de conscientização da população e combate à violência doméstica, e que perduram até os dias atuais⁵.

Nesse lastro, o estudo em tela objetivou descrever a experiência de atendimento virtual/remoto à mulheres em situação de violência no âmbito de um projeto social. Essa experiência é descrita e, posteriormente, analisada sob a luz dos referenciais teórico da Rota Crítica⁶ e do Ciclo da Violência Doméstica⁷, evidenciando entrecruzamentos e estabelecendo-se análises reflexivas.

Método

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e descritiva, cujo objeto que busca-se deixar em evidência é a experiência profissional como enfermeira no atendimento à mulheres em situação de violência no âmbito remoto, ou seja, dentro do modelo virtual de atendimento,

por intermédio de aplicativo de mensagem. Esta experiência é oriunda de atividades de voluntariado em um projeto social e de âmbito nacional, que teve sua gênese em março de 2020, impulsionado pelo contexto da pandemia da Covid-19 e seus adensamentos sociais⁸. A dinâmica de atendimento dentro deste projeto será apresentada nas próximas seções.

Os atendimentos prestados às mulheres em situação de violência são analisados neste estudo sob a ótica de referenciais teórico/conceituais que serão esmiuçados brevemente a seguir, e permitiram, deste modo, estabelecer reflexões acerca dessa experiência, e os adensamentos identificados no entrecruzamento da Rota Crítica⁶ para enfrentamento da violência contra as mulheres e do Ciclo da Violência Doméstica⁷.

a) O campo de experiência

A experiência profissional dá-se no contexto do projeto social intitulado Projeto Justiceiras⁹, que teve sua gênese em março de 2020, idealizado pelo Instituto Nelson Wilians, em parceria com o Instituto Justiça de Saia e Instituto Bem Querer Mulher, a partir da iniciativa de reunir voluntárias de diversas áreas para oferecerem, através do aplicativo de mensagem WhatsApp, atendimento jurídico, psicológico e assistencial às vítimas de violência⁹. Já as atividades de voluntariado relatadas neste escrito deram-se na área da enfermagem, e foram iniciadas em junho de 2020, sendo que, tanto o projeto quanto as atividades de voluntariado tem sua continuidade até os dias atuais.

O projeto tem como objetivo funcionar como uma rede de apoio e acolhimento para as mulheres que encontram-se em situação de violência, facilitando o acesso ao Sistema de Justiça e à rede de proteção, oferecendo para tanto, ajuda jurídica, psicológica, assistência social, médica, e de enfermagem, com escuta qualificada e não julgadora. Participam também, mulheres que vivenciaram relacionamentos abusivos e conseguiram rompê-lo, as quais utilizam suas experiências pessoais para oferecer rede de apoio emocional e de amizade às mulheres atendidas. Destaca-se ainda que, todas os profissionais voluntários no projeto são mulheres, inclusive suas lideranças e idealizadores do projeto.

As voluntárias do projeto frequentemente realizam encontros virtuais para troca de experiências, vivências, e ainda para atualização quanto aos encaminhamentos e suportes da rede de atendimento à mulher. As lideranças nacionais e locais coordenam o projeto e os grupos de apoio e acolhimento de acordo com áreas de abrangência. A logística do projeto funciona em perfeita sincronia, de forma que qualquer mulher que busque ajuda no projeto, independente do horário, é atendida muito rapidamente por uma voluntária, de acordo com os horários pré estabelecidos de atendimento por cada uma delas.

As mulheres que se encontram em situação de violência chegam até as voluntárias por meio de um número telefônico para aplicativo móvel, utilizando o aplicativo *WhatsApp*. Essas mulheres, ao acessarem o número, realizam primeiramente o preenchimento de um curto formulário com informações acerca da situação de violência vivida, o que implica que a mulher não precisa contar a mesma história para cada um dos profissionais que irão atendê-la.

A logística do atendimento funciona da seguinte forma: após o preenchimento do formulário, cada mulher é direcionada à um grupo de profissionais que irão compor sua rede de apoio e acolhimento, sendo um profissional de cada área (jurídica, psicológica, médica e/ou enfermagem e assistência social), que fornecerão o suporte e ajuda necessária, em cada área específica. Quando identifica-se complexidade e/ou gravidade na situação atendida, rapidamente é acionado as lideranças do projeto, que viabilizam um ambiente virtual de conversa para discutir e direcionar a melhor conduta para a situação.

É importante destacar que cada voluntária, dentro desta rede de apoio, conversa individualmente com a mulher, em momentos diferentes, para que suas demandas e necessidades em cada área sejam sanadas, praticando uma escuta qualificada, respeitosa e não julgadora. Em contrapartida, as voluntárias que constituem essa rede de apoio, discutem o caso entre si, a fim de debater os encaminhamentos e condutas tomadas e/ou necessárias. Ainda, uma vez que a mulher acessa o projeto e é direcionada a uma voluntária, esta transforma-se no seu contato para buscar apoio e acolhimento sempre que sentir necessidade, estabelecendo-se o vínculo. Quando o caso é encerrado, uma devolutiva por parte das voluntárias é feita ao projeto.

O formulário preenchido pela mulher que busca atendimento é composto por 55 perguntas (abertas e fechadas), mas predominantemente fechadas. As perguntas visam conhecer a mulher, seu agressor e como se desenrola a situação de violência que ela está vivenciando. Dentre as fechadas, uma delas é “Qual tipo de violência você está sofrendo?”, com respectivos sete itens de marcação múltipla: I - Violência Física; II - Violência Psicológica; III - Violência Sexual; IV - Violência Patrimonial; V - Violência Moral; VI - Ameaça; VII - Violência Política Contra a Mulher. Cada tipologia é seguida de uma explicação, esclarecendo o que se trata cada tipo. A mulher também precisa identificar se a situação que ela vivencia é de Emergência (alta gravidade); Urgente (média gravidade) e Não urgente (baixa gravidade). A brevidade no atendimento à essa mulher acontece de forma independente ao grau de gravidade, no entanto, os direcionamentos iniciais é que são diferentes para cada grau.

Quando as voluntárias conseguem chegar a uma resolução do problema junto com a mulher, o atendimento é encerrado e cada voluntária faz uma devolutiva ao projeto através de um formulário, bem como a mulher atendida. Assim, o projeto tem a possibilidade de estar sempre aprimorando a logística de atendimento, bem como conhecendo as melhores formas e estratégias para ajudar essas mulheres.

Destaca-se que há um investimento muito grande no projeto por parte das lideranças, e um engajamento e colaboração igualmente importante por parte das voluntárias, no sentido de divulgá-lo para que alcance o maior número de mulheres possível. Para tanto, realiza-se divulgação do projeto nas redes sociais com posters, vídeos curtos e vídeos que falam de modo simples sobre a violência contra mulher. Também recentemente, o projeto vem estampado produtos de uso rotineiro nas casas das famílias, como caixas de leite, na tentativa de alcançar aquelas que muitas vezes não tem acesso a uma rede social de forma não controlada pelo companheiro.

Ao estabelecer o vínculo com mulher, tomadas de decisões são empregadas para (1) o empoderamento da mulher acerca das situações de violência vividas – seja elas de qualquer natureza; (2) a quebra da dependência emocional do parceiro; (3) medidas protetivas, boletins de ocorrência, denúncias, e qualquer ação cabível a justiça; e (4) apoio, suporte e conduta quando da ocorrência de violências sexuais, abusos e torturas. Destaca-se que existem protocolos específicos internos para orientar a conduta e atendimento das voluntárias em cada tipo de violência, os quais são: violência doméstica; crimes cometidos por autoridades/superioridade hierárquica/uso de arma; violência sexual; assédio moral/sexual no trabalho; crimes virtuais; violências que envolvem crianças/ adolescentes/ idosos/gestantes; líderes religiosos; mulheres com deficiência; mulheres trans e LGBTQIA+; e intolerância/racismo/ preconceito/ discriminação/ xenofobia.

b) Entendendo os conceitos teóricos

A compreensão das experiências relatadas de atendimento frente as mulheres em situação de violência requerem o entendimento teórico/conceitual do “Rota Crítica”⁶ e do “Ciclo da Violência Doméstica”⁷. Assim, inicialmente clarifica-se que a violência, principalmente de cunho doméstico e familiar, apesar de ter várias faces e especificidades, funciona como um sistema circular, chamado pela psicóloga norte-americana Lenore Walker⁷ de **Ciclo da Violência Doméstica (ver figura 1)**. A autora identificou em seus estudos três fases distintas associadas a um ciclo recorrente de agressão: (1) construção de tensão acompanhada de crescente sensação de perigo, (2) incidente agudo de violências (3) contrição amorosa, também chamada da fase da “lua de mel”.

Figura 1. Ciclo da Violência Doméstica.



Fonte: Adaptado de Lenore Walker, *The battered woman*. New York: Harper and How, 1979.

O ciclo geralmente começa após um período de namoro, descrito como tendo muito interesse do agressor na vida da mulher, e geralmente cheia de comportamento amoroso. Na experiência de atendimento, algumas mulheres descreveram esse comportamento quando o agressor se transforma em perseguição e vigilância depois de um tempo. Mas quando isso ocorre, a mulher já se comprometeu com o homem e não tem energia e, muitas vezes, o desejo de romper o relacionamento.

Já a Rota Crítica⁶ (ver figura 2) é o caminho fragmentado pela busca por ajuda e fuga das situações de violência. Ela se constitui em um complexo emaranhado de atitudes e decisões tomadas pelas mulheres em situação de violência e as respostas encontradas na busca por apoio. Normalmente, o caminho percorrido desde o episódio da violência até a procura pela ajuda institucional é muito extenso, sendo influenciado por vários fatores impulsionadores e inibidores (internos e externos) para o início de uma rota de superação e rompimento é o momento em que essas mulheres decidem romper com o silêncio em relação a situação de violência doméstica e familiar vivenciada⁶.

Figura 2. Diagrama da Rota Crítica proposto por Sagot.

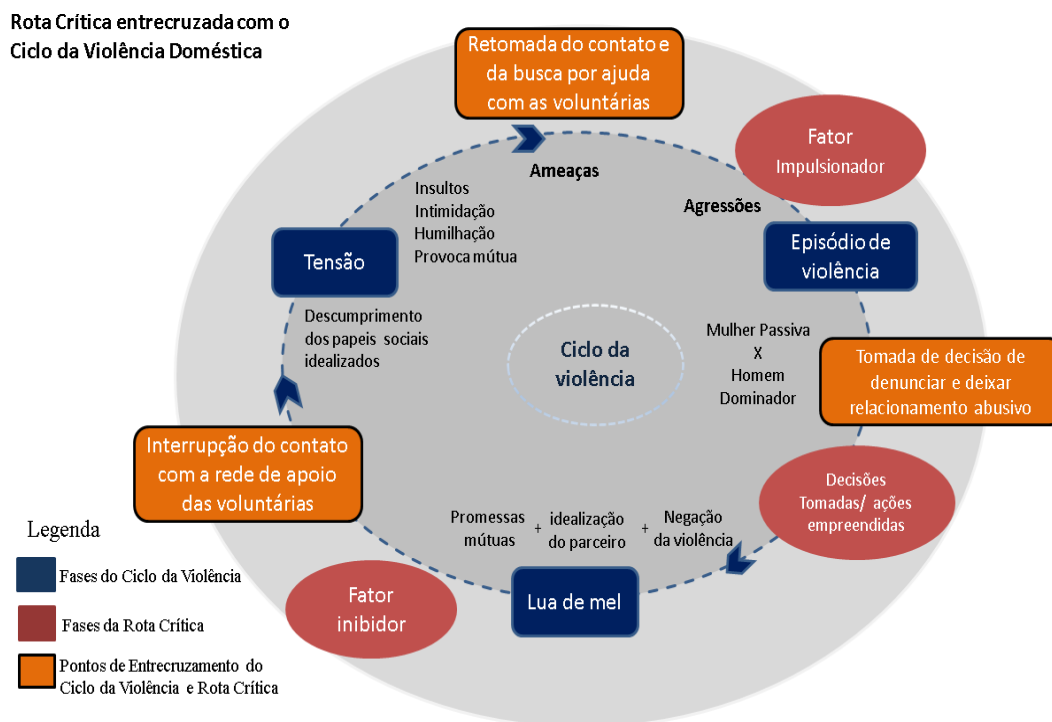


Fonte: Sagot, 2000, Ruta crítica de las mujeres afectadas por la violencia intrafamiliar en América Latina: estudios de caso de diez países.

Resultados

A prática profissional de enfermeira atuante no atendimento às mulheres em situação de violência viabilizou análises reflexivas sobre em que condições a busca pelas mulheres à rede de apoio e proteção acontece. Assim, o elemento comum em todos os atendimentos dispendidos foi o entrecruzamento das fases do ciclo da violência com a os elementos impulsionadores e inibidores da rota crítica, no que diz respeito ao início e desistência da sua busca por ajuda e enfrentamento, a permanência na rota crítica até a quebra do ciclo da violência, bem como as desistências e retomadas da rota crítica. Esse entrecruzamento é apresentado na figura a seguir, e discutido na seção seguinte.

Figura 3- Representação do entrecruzamento da Rota Crítica e do Ciclo da Violência.



Fonte: Adaptado de Sagot (2000) e Walker (1979)

Discussão

a) A prática como campo de análises e reflexões: entrecruzamento do Ciclo da Violência x Rota Crítica

A atuação no campo prático, na condição de enfermeira voluntária e pesquisadora da área e dos referenciais utilizados, viabilizou análises reflexivas sobre as linhas teóricas, seus entrecruzamentos e desdobramentos nas histórias de vida das mulheres atendidas. O entendimento de como e por que ocorre os processos de início, quebra, e retomada das situações de violências é de fundamental importância para se pensar ações estratégicas de apoio, ajuda e proteção.

Observou-se que o início da Rota ocorreu, predominantemente, quando a mulher encontrava-se, no ciclo, na fase aguda dos episódios de violência. Esta fase tem se mostrado como o principal fator impulsionador para a tomada de decisão de romper com o ciclo. Com esta decisão, surge o contato da mulher com o projeto, e a partir dele, constrói-se sua rede de apoio e proteção. Então, decisões são tomadas e atitudes empreendidas por parte das profissionais voluntárias, que movimentam-se de acordo com o tipo de violência sofrida, dentro de suas respectivas áreas, para dar resolutividade à situação vivida pela mulher. As decisões são tomadas sempre em conjunto com a mulher atendida, e esta é mantida ciente de cada atitude e ação tomada pela voluntária no sentido de fortalecê-la e ajudar a romper o ciclo da violência.

Neste ponto, os atendimentos são mesclados por experiências exitosas e não exitosas. Houve experiências em que a mulher iniciou e finalizou a rota crítica dentro deste modelo de atendimento. No entanto, nem sempre as

voluntárias conseguem chegar a uma resolução do caso. Isso porque, recorrentemente, as mulheres decidem não seguir com a denúncia e com o processo de quebra da relação abusiva. Vislumbra-se então a fase da “lua de mel” do ciclo. Isso é facilmente identificado nos relatos das mesmas, com justificativas muito semelhantes, de que o agressor mostrou-se uma pessoa diferente, amável e disposto a mudanças. Também experienciou-se atendimentos em que as mulheres relataram a intervenção da família ou da igreja, e a partir dela, tomaram a decisão de encerrar o atendimento. Nesse contexto, o fator inibidor mostra-se claramente entrecruzado nesta fase.

No entanto, a fase da lua de mel é passageira, e quando as tensões aumentam no relacionamento, levando a novos episódios de violência, a mulher passa a sentir-se novamente em situação de vulnerabilidade e fragilidade. Nessa fase, muitas mulheres voltam a entrar em contato com o projeto novamente, e reiniciam a sua rota crítica. Normalmente, esse contato é feito primeiro diretamente com a sua rede de apoio de voluntárias iniciada lá no começo, no primeiro atendimento.

Então, a mulher é orientada que preencha novamente o formulário, para que se conheça novamente sua história, os fatores determinantes para seu novo contato e sua história atual de vida. Após seu preenchimento e encaminhamento, o grupo das voluntárias que compõem a sua rede é ativado. O atendimento é permeado pelo incentivo e apoio das voluntárias em romper de vez com o ciclo, gerando o fator impulsionador necessário para tomada de decisões e empreender atitudes decisivas. E assim o ciclo e a rota crítica se reiniciam, em muitos atendimentos, por mais de uma vez.

Devido a característica do projeto, que é a ajuda imediata daquela situação de violência, não há um acompanhamento após a finalização do atendimento. Então, mesmo que ele tenha sido encerrado com prognóstico positivo, e com aparente quebra do ciclo da violência, se a mulher não entrar em contato novamente com o projeto caso ela reinicie o ciclo, não há como saber se a rota foi iniciada e finalizada positivamente.

É importante destacar que, assim como a teoria de Walker (1979) sobre o ciclo da violência aponta para a dependência emocional da mulher, que se mantém presa a uma fatalidade que a obriga a passar sempre pelas mesmas experiências, essa dependência também mostra-se presente nos atendimentos prestados, pois percebe-se forte dependência emocional das mulheres como fator inibidor para deixar o relacionamento. Como consequências, há relatos de problemas mentais, inclusive depressão, estresse pós-traumático, tendências ao suicídio e consumo abusivo de álcool e drogas.

O empoderamento pessoal tem sido a principal chave para a quebra dessa dependência emocional, bem como do medo de enfrentar o desconhecido após liberta-se do relacionamento. Essa dependência emocional é trabalhada através do fortalecimento da auto estima, auto confiança e autonomia, e também do empoderamento psicológico¹⁰, estimulando a capacidade das mulheres de tomarem suas próprias decisões e terem o controle de suas vidas. O empoderamento psicológico tem se mostrado como uma conduta-chave no atendimento à mulheres em situações de violência, pois reacende na mulher a percepção de força individual, manifestando-se em comportamentos de autoconfiança e pensamento crítico das ações em seu entorno, e de suas próprias atitudes e ações.

b) O que o isolamento social tem a nos ensinar e suas implicações nas situações de violência contra a mulher

O isolamento social, da forma como foi experienciado na pandemia pela Covid-19, foi um acontecimento sem precedentes. Pois não foi somente a obrigatoriedade ou necessidade de permanecer no domicílio, mas também vivenciou-se mutuamente a restrição ou afastamento dos serviços estruturais da sociedade, como acesso ao trabalho, aos serviços de saúde, às instituições, serviços e redes de apoio e proteção, além da mobilidade estar restringida devido às limitações dos meios públicos de locomoção. Desta forma, reflete-se que neste cenário, o isolamento não foi somente social, mas também estrutural.

Esse isolamento estrutural, por sua vez, faz emergir análises reflexivas na direção da Rota Crítica das mulheres em situação de violência, levando-se em consideração as experiências de atendimento durante este período específico. Tendo em mente o diagrama da rota, e a partir dos relatos das mulheres, entende-se que com o isolamento, os fatores impulsionadores para as mulheres romperem com a situação de violência vivida podem ter perdido forças, frente ao sentimento de isolamento e desamparo, em parte gerados pela própria pandemia.

Os fatores de respostas dos serviços também ficaram extremamente prejudicados, pois com a suspensão ou redução dos serviços especializados de atendimento às mulheres, ergueram-se barreiras na busca por ajuda. Embora ONGs e instituições tenham mantido seus serviços como redes de apoio, estes mostraram-se incipientes diante da ausência do funcionamento e/ou acesso à rede de atendimento. Assim, as decisões executadas e ações empreendidas na busca por ajuda para romper o ciclo da violência ficaram extremamente fragilizados, frente a um cenário de desestruturação dos serviços, em um momento histórico, em que o país sofreu com o desmonte das políticas de Estado e dos serviços no âmbito do SUS⁸.

Nesse contexto, o isolamento (social e estrutural) mostrou-se como um catalisador no âmbito da violência doméstica, estimulando ou acelerando comportamentos abusivos e relações opressoras, tendo maior ou menor potencial de catalização de acordo com as intersecções identitárias de cada mulher, ou seja, de acordo com os marcadores sociais entrecruzados na vida delas. A partir disso, infere-se que a pandemia do Covid-19 e os atendimentos dispendidos durante e pós esse período, emergiram novas lentes e possibilidades de análises da violência contra mulher.

Assim, o isolamento social pode ser considerado como um analisador histórico para a violência doméstica, uma vez que este trata-se de um acontecimento histórico, colocando em evidência as experiências das mulheres, a partir de diferentes categorias e marcadores sociais que interseccionam-se com o fenômeno da violência contra mulher, possibilitando vislumbrar as diversas formas (in)visibilizadas dessa violência na sociedade.

Ressalta-se que o analisador histórico diz respeito a um acontecimento, que vem de forma inesperada ao nosso encontro, condensando uma série de forças, até então dispersas, e tem o potencial de realizar análises por si mesmo¹¹. Nesse sentido, o isolamento social da forma como foi vivenciado transforma-se em uma nova forma de olhar para os gatilhos da violência e as barreiras ao seu

enfrentamento, bem como as forças sociais, estruturais e de poder que convergem e promovem desigualdades e violências.

Conclusão

Os fatores impulsionadores e inibidores, não somente para dar início, mas, para persistir na rota crítica das mulheres em situação de violência, entrecruzam-se com as fases do ciclo da violência em que esta mulher se encontra. O fator impulsionador para iniciar a rota crítica interseccionou-se, principalmente, com a fase de episódios agudos de violência, enquanto que o inibidor mostrou-se fortemente relacionado à fase da lua de mel.

Considera-se assim primordial o entendimento da inextricabilidade entre ciclo da violência e rota crítica, possibilitando refletir que o empoderamento das mulheres sobre o ciclo da violência é importante para que as mesmas tenham subsídios e não abandonem a rota uma vez iniciada. Esse entendimento também se faz importante pelos profissionais, em especial a enfermagem, para pensar ações e estratégias de apoio e suporte para as mulheres que tomam a decisão de iniciar a Rota Crítica, visto que estão na linha de frente do cuidado e enfrentamento a todas as formas de violência na sua prática diária.

A experiência no atendimento às mulheres em situação de violência, dentro do modelo de atendimento remoto, também viabilizou percepções de que, muitas vezes, esse modelo se torna a Rota Crítica iniciada e finalizada positivamente para a mulher, uma vez que através do suporte e orientações, a mulher consegue acessar a rede de proteção e os serviços e informações necessárias para romper com o ciclo de violência. Nesse sentido, os atendimentos remotos, conduzimos de forma anônima, sem a necessidade da exposição física das mulheres à inquéritos, tem se mostrado uma via qualificada e extremamente necessária, que precisa ser considerada dentro da Rota Crítica.

Em contrapartida, esse modelo de atendimento também apresenta fragilidades. Uma delas é a dificuldade do acompanhamento prolongado, dependendo de a mulher iniciar o contato novamente em caso de novas violências sofridas (reiniciar o ciclo da violência). Outro ponto negativo é que, em se tratando de atendimento remoto por meio de redes de apoio virtuais, a Notificação Compulsória, que precisa ser preenchida e posteriormente lançada no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)¹² quando há uma suspeita ou confirmação de uma situação de violência (de qualquer tipo), na grande maioria dos atendimentos não é realizada, contribuindo para a subnotificação dos casos de violência, e conseqüente invisibilidade da dimensão do problema.

A notificação de violências no SINAN também é uma forma de cuidado com a mulher, pois essa se encontra desamparada, com baixa autoestima, necessitando de ajuda. Além de ser uma exigência legal, fruto de uma luta contínua para que a violência perpetrada contra estes segmentos da população saia da invisibilidade. O trabalho de cada profissional que atende pessoas em situação de violência é estratégico e essencial para o fortalecimento da vigilância e da rede de atenção e proteção.

A relevância das ações de enfrentamento à violência contra as mulheres, realizadas no âmbito do projeto Justiceiras e relatadas neste escrito,

contribuem com respostas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), contemplando o ODS 03 (saúde e bem-estar), 05 (igualdade de gênero), 10 (redução das desigualdades) e 16 (paz, justiça e instituições eficazes). Considera-se também como relevância a contribuição para futuras pesquisas, sugerindo-se a investigação por pesquisadores deste entrecruzamento do ciclo da violência doméstica com a rota crítica, identificadas por observação empírica.

Ainda, é importante o investimento em estudos que busquem uma forma de associar os atendimentos virtuais dentro da Rede de Atenção, já que este tem se mostrado uma forma viável de atender essas mulheres, mas que consigam incluir as notificações compulsórias como protocolo de atendimento. A fim de contribuir, deste modo, na visibilidade, avanços e formas estratégicas de combater a violência contra as mulheres.

Agradecimento

Esse estudo foi financiado pelos próprios autores.

Referências

1. Nascimento Rodrigues L, Boreli Prizon L, Torres Dantas Junior G. A viabilidade da utilização de tecnologia no combate à violência doméstica contra mulheres durante a pandemia . RCDIREITO [Internet]. 25º de março de 2022.
2. Center for Disease Control and Prevention (CDC). Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): social distancing, quarantine, and isolation. [Internet]. Atlanta: CDC; 2020 Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/prevent-getting-sick/social-distancing.html>
3. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 3. ed. São Paulo: FBSP, 2020. ISBN 978-65-89596-00-4.
4. Dutra, M. L., Prates, P. L., Nakamura, E., & Villela, W. V. A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(5),1293-1304, 2013.
5. Pontes Luciana Barbalho, Dionísio Maria Beatriz Reis, Bertho Maria Alice Centanin, Grama Viviane Dutra, D'Affonseca Sabrina Mazo. Redes de apoio à mulher em situação de violência durante a pandemia de Covid-19. *Rev. Psicol. Saúde* [Internet]. 2021 Set [citado 2024 Fev 04] ; 13(3): 187-201. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2021000300015&lng=pt. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v13i3.1413>.
6. Sagot M. Ruta critica de las mujeres afectadas por la violencia intrafamiliar en América Latina: estudios de caso de diez países. Washington: Organización Panamericana de la Salud; 2000. Doi: <https://doi.org/10.13140/2.1.4019.8726>
7. Walker, L. The battered woman. New York: Harper and How, 1979

8. Ferreira Cortes L, Arboit J, Geovana Smaniotto Gehlen R, Tasqueto Tassinari T, Becker Vieira L, Maris de Mello Padoin S, Celeste Landerdahl M. Proteção às mulheres em situação de violência no contexto da pandemia de covid-19. CienCuidSaúde [Internet]. 2020Set.15 [citado em 2024Feb.4];190. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/54847>
9. Justiceiras. Projeto Justiceiras. Disponível em: <https://justiceiras.org.br/>. Acesso em: 02 jan. 2024.
10. Friedmann, J. Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo. Oeiras: Celta, 1996.
11. Rodrigues, H.B.C.; Leitão, M.B.S.; Barros, R.D.B. Grupos e instituições em análise, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
12. Brasil. Ministério da saúde. Notificação de Violência Interpessoal e autoprovocada. Brasília-DF, 2017.

Autor de correspondência

Rubia Geovana Smaniotto Gehlen
Rua Mario Quintana. CEP: 97110751-, Bairro Camobi.
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
rubiageovana@gmail.com